

# Introdução

O ser humano encontra-se num cenário de crise complexo. O nosso *habitat*, o meio ambiente, ameaça sofrer um colapso diante dos olhos de todos sob a pressão da nossa forma de vida moderna. Graças à ciência e à tecnologia, de um lado melhoramos rapidamente as nossas condições de sobrevivência, mas de outro nós as pioramos num ritmo ainda mais acelerado – é um dilema que se intensifica com cada crise moderna.

No meio-tempo, o modelo de civilização da Modernidade, que consiste em controlar os problemas de recursos para a sobrevivência da nossa espécie por meio da ciência e da tecnologia, levou-nos à beira da extinção própria. Para dominarem a natureza e a sociedade (energia nuclear, automóveis, aviões, celulares, inteligência artificial, sistemas de armas, internet etc.), nossos instrumentos voltam-se contra nós. É até paradoxal que o nosso conhecimento tecnológico, graças ao qual nós temos a internet, a inteligência artificial e as redes sociais, é, ao mesmo tempo, a base para a propagação rápida de *fake news*, propaganda e ideologias da conspiração. E por meio dos automóveis, dos aviões e da nossa forma de vida fóssil, nós estamos mais conectados do que nunca e podemos interagir com culturas e pessoas geograficamente distantes, porém, ao mesmo tempo, destruimos o nosso meio ambiente compartilhado.

É ilusório querer resolver a situação de crise complexa da Modernidade tardia em que nos encontramos fazendo mais do

mesmo<sup>1</sup>. Precisamos reorientar a nossa imagem do ser humano e da natureza. É disso que trata este livro.

Seu ponto de partida é o reconhecimento de que nós, os humanos, somos animais. A filósofa francesa Corine Pelluchon desdobra isso numa série de livros, exigindo um Novo Iluminismo cujo centro fosse ocupado pelo ser humano como animal<sup>2</sup>. Esse Novo Iluminismo, ao qual já se dedicam muitos pensadores da vanguarda global<sup>3</sup> em todos os continentes, não parte *da* natureza, mas da *nossa* natureza. Vale nos colocar como seres vivos espirituais, i. e., o ser humano como um todo (que, como ser vivo espiritual, é uma mistura de natureza e espírito) novamente no centro, do qual nós nos afastamos equivocadamente, em prol de uma imagem mecanicista do mundo como estrutura controlável e previsível.

Isso levanta uma pergunta antiga, à qual precisamos mais uma vez nos expor: o que significa ver o ser humano como animal?

---

1. Uma primeira versão desta introdução foi publicada primeiramente na *Neue Zürcher Zeitung*, set. 2021. Sobre o conceito da modernidade e o diagnóstico dos complexos cenários de crise atuais como pertencendo à “Modernidade tardia”, cf. RECKWITZ, A.; ROSA, H. *Spätmoderne in der Krise – Was leistet die Gesellschaftstheorie?* Berlin, 2021.

2. Cf. esp. PELLUCHON, C. *Das Zeitalter des Lebendigen – Eine neue Philosophie der Aufklärung*. Darmstadt, 2021.

3. No restante deste livro variarei o gênero dos substantivos. Com isso não expresso nenhuma opinião referente à pergunta se ou em que medida uma linguagem neutra em relação aos gêneros é um caminho ético para combater as múltiplas formas de discriminação às quais o ser humano é exposto devido à sua historicidade e outros fatores de sua existência humana. Quando uso o masculino genérico, eu o faço por razões gramaticais, sem que essa motivação implique que eu sugira que outros sigam essa mesma convenção. Nos exemplos e nas passagens em que as convenções de gênero mais recentes são usadas, eu tento compensar o uso do masculino genérico (e o feminino, que, por vezes, eu também uso), para combater os estereótipos que, implícita ou até explicitamente, classificam determinadas atividades e profissões como “masculinas” ou “femininas”, como ocorre também com a palavra “filósofo”, cujo gênero gramático vinculou essa profissão por muito tempo exclusivamente aos “homens”.

Essa pergunta é muito importante porque a nossa autoimagem como animal pode fazer uma contribuição essencial para os mecanismos de direcionamento sociopolítico do presente e do futuro. Podemos reconhecer isso com muita facilidade, na nossa forma de lidar com pandemias e outras catástrofes naturais: doenças e mudanças climáticas (causadas pelo homem), em geral, são percebidas como males evitáveis, que devem ser resolvidos tecnologicamente, o mais rápido possível. Não conseguimos fazer isso nem no caso de SARS-Cov-2, nem no caso de mudanças climáticas. Até agora, ambas são tratadas de forma *reativa* e não *proativa*.

Nossos modelos prognósticos e nossas abordagens a uma solução fracassam diante do desafio ao qual nós somos expostos como animais que jamais conseguem entender de modo total seu nicho ecológico, muito menos conseguem controlá-lo tecnologicamente. Por isso precisamos livrar-nos da ilusão de conseguirmos preservar nossas diretrizes para o tempo de crises e catástrofes em que nos encontramos, por meio de uma mera combinação de ciência, tecnologia e política.

O avanço científico (e isso vale também para as ciências humanas e sociais) sempre nos ensina algo sobre aquilo que não sabemos. O deslocamento diário das fronteiras do conhecimento não consiste no fato de estarmos aproximando-nos da onisciência. Onisciência não existe. Tampouco existe uma possibilidade sensata de administrar tecnocraticamente as condições de sobrevivência do ser humano em sistemas complexos. A vida não pode ser contida por muros, muito menos é possível predizê-la, como comprova de forma impressionante a pandemia do vírus com suas muitas variantes. Conhecemos sempre apenas recortes da nossa forma de vida, o animal humano não pode ser superado pela tecnologia. O *Homo Deus*, que o famoso historiador Yuval

Noah Harari esboça em seu livro homônimo como o ser humano do futuro, não virá.

Na verdade, nós já sabíamos disso desde Sócrates até Carl von Linné, a quem devemos o nome da nossa espécie *Homo sapiens*: já que não somos capazes de nos entender no todo, os modelos de nós mesmos, dos quais dependemos, são falíveis. Linné define o ser humano pela sua capacidade de construir uma imagem de si mesmo. O termo *homo*, que Linné atribui aos primatas em seu *System der natur* (O sistema da natureza) e assim insere o ser humano de modo inequívoco no reino animal, é completado pela característica da capacidade sapiencial, a *sapientia*, que seria nosso *summum attributum*, nosso atributo mais primoroso. Dessa forma, o ser humano é definido por meio da convocação ao autoconhecimento. Por isso encontramos em seu sistema, ao lado do termo *homo*, o comentário: *nosce te ipsum*, ou seja, conheça a si mesmo, e, com isso, Linné alude a Sócrates. De acordo com Sócrates, a máxima e a missão da filosofia é e sempre será: “Conheça a si mesmo” (*gnôthi sauton*) – palavras do oráculo de Delfo, que Sócrates vinculou à sabedoria (*sophia*). Linné traduz isso para o latim. Visto que eles amam a sabedoria (o amor à sabedoria é uma possível tradução da palavra grega *philosophia*), chamamos os filósofos sempre que precisamos definir quem nós, os seres humanos, somos.

A filosofia trata do autoconhecimento. Parte dele é a percepção da nossa liberdade. Como seres vivos dotados de espírito nós somos livres, e disso segue o valor da autonomia, da ação responsável, que, na atualidade, está sendo questionado no centro da Europa. Para podermos encontrar uma relação apropriada entre os valores como liberdade, igualdade e solidariedade e, assim, recuperarmos a confiança na competência da democracia *liberal*, o ser humano, como um ser vivo livre e dotado de espírito, pre-

cisa voltar a ocupar o centro da sociedade. Liberdade também é liberdade *social*, pois nós somos seres vivos prossociais, que não podem fazer nada sem fazê-lo em conjunto com os outros. Liberdade e sociedade, indivíduo e coletivo, não se contradizem. Não somos mais livres quando estamos sós, pois não conseguimos fazer sem os outros a maior parte daquilo que nos interessa como seres humanos. Liberdade é algo que realizamos juntos, não é algo que nos coloca em oposição uns aos outros.

Existem muitas coisas que você e eu temos em comum. No mínimo, compartilhamos a qualidade de sermos humanos. Por isso temos muitas outras coisas em comum. Temos desejos, esperanças e medos e somos seres finitos e efêmeros. *Nós fazemos parte da natureza*. A física moderna ensina que existem forças e leis naturais que determinam toda a matéria. Visto que somos feitos de matéria, encarnados como animais, nós não somos nenhuma exceção à regra. Além disso, a biologia e a medicina humana modernas mostraram-nos que nosso corpo é ‘animal’<sup>4</sup> num nível elementar e que compartilhamos muitas estruturas básicas com outros seres vivos.

Todos os seres vivos que conhecemos consistem em células (ou são, como os protozoários, idênticos com uma única célula) que, por sua vez, consistem em elementos que podem ser pesquisados pela bioquímica e pela física. Hoje são as chamadas *ciências da vida* (a medicina, a bioquímica, a biologia molecular, a bioinformática, a genética, a farmacologia, a zoologia, a ciência nutricional, as neurociências etc.), que se ocupam com isso, pois o seu objeto são os processos e as estruturas do vivo.

---

4. Neste livro, aspas simples sinalizam um distanciamento. Por exemplo, quando escrevo ‘masculino’, ‘feminino’, ‘animal’ ou ‘sociedade’, eu me distancio da ideia de que, ‘lá fora’, ‘na realidade’, exista aquilo que muitos entendem quando usam esses termos.

Ao longo da Modernidade, juntaram-se à física e às ciências da vida descobertas sobre o comportamento do ser humano e outros seres vivos, que, nos dias de hoje, são investigadas pelas *ciências comportamentais*, como a psicologia, a ciência cognitiva, a economia comportamental e a sociobiologia. Elas descobriram que nós, como seres humanos, podemos ser decodificados e, portanto, controlados, em certa medida, em diferentes níveis da nossa existência (desde a célula até formações sociais como a família, o grupo de amigos ou até uma sociedade inteira). Muitas das inúmeras decisões que tomamos consciente e inconscientemente (quando tomamos café da manhã, com quem nos encontramos, por quanto tempo lavamos as nossas mãos, de que lado da rua andamos, se dormimos de bruços ou de costas) podem ser explicadas pela ciência, reconhecendo nelas padrões gerais.

Portanto o ser humano pode ser acessado a partir do **ponto de vista da terceira pessoa**<sup>5</sup>, como dizemos na filosofia; ele é um objeto da pesquisa das ciências naturais e sociais, um objeto de pesquisa entre outros. É a essa dimensão da existência humana que alude o título deste livro: *O ser humano como animal*. Mas este ainda não é o fim da história, pois, a despeito das descobertas mencionadas das ciências naturais, da ciência da vida e das ciências comportamentais sobre o ser humano como animal, nós sentimos que, apesar de tudo isso, nós não nos encaixamos na natureza. *O ser humano não é só animal*. É a isso que se refere o subtítulo do livro.

Não somos apenas fenômenos naturais, e podemos deduzir isso do fato de que nós explicamos fenômenos naturais. A explicação dos fenômenos naturais e, com isso, também dos aspectos da nossa vida que são irracionais não é, em si, irracional.

---

5. As expressões em negrito representam as pilastras angulares do raciocínio do livro. Seu significado/sua definição pode ser consultado/a no glossário.

Quem observa isso é o famoso cientista cognitivo Steven Pinker, que nos lembra de que a lógica, a matemática e o pensamento crítico são racionais e foram empregados também por nossos antepassados para garantir uma caça bem-sucedida, para alimentarem-se e, ao longo de milhares de anos, construírem relações estáveis com outros grupos humanos e com o meio ambiente compartilhado. O ser humano é e continuará sendo fundamentalmente racional, o que não significa que ele é infalível, o que comprovam as descobertas da pesquisa comportamental moderna. No entanto deduzir disso que, por infelicidade, nós não somos racionais – uma conclusão que seria, ela mesma, racional – não é correto<sup>6</sup>.

O fato de termos descoberto na Modernidade que o “animal em nós” não é controlado por impulsos, instintos, processos e forças racionais, isso não pode dizer respeito a toda a nossa existência. Caso contrário, isso valeria também para a própria explicação científica. Assim sabemos, de um lado, que nossas decisões baseiam-se em distorções cognitivas (*bias*) e em “barulho” (*noise*), ou seja, em fundamentos decisivos que ocorrem de acordo com regras irracionais. De outro, esse conhecimento, esse autoconhecimento, não está sujeito a essas distorções cognitivas, caso contrário não poderíamos fornecer informações racionais sobre os limites da nossa racionalidade. Esse conhecimento é objetivo, verificado por métodos científicos, ou seja, procede do ponto de vista da terceira pessoa. Em suma: existe um conhecimento objetivo sobre nós como objetos e sujeitos.

A teoria da evolução, a psicologia profunda, a sociologia, a pesquisa comportamental e, sobretudo, a economia comportamental mostraram-nos o quanto os nossos pensamentos e as

---

6. Cf. PINKER, S. *Rationality – What it is – Why it seems scarce – Why it matters*. Londres; Nova York, 2021.

nossas ações individuais e coletivas são determinados por forças e leis que não podemos controlar completamente. O mais tardar desde os *best-sellers* do psicólogo e ganhador do prêmio Nobel Daniel Kahneman, sabemos que não somos tão racionais e sensatos como gostaríamos de ser<sup>7</sup>. Nossos impulsos, desejos e estados mentais internos são parte constante dos fenômenos naturais e são, portanto, marcados por princípios que fogem ao nosso controle. Uma parte nossa, a nossa ‘existência animal’ parece, às vezes, ser controlada por algo externo – pelas leis naturais, pela evolução, pela sociedade etc.

Teimosos, insistimos em convicções, mesmo quando já dispomos de informações que as contradizem, o que chamamos de viés de confirmação (*confirmation bias*). A lista de ilusões ou distorções cognitivas é longa, e todos nós sabemos que temos uma perspectiva sobre a realidade social e natural que, de forma alguma, é automaticamente correta e que, por isso, sempre a corrigimos. No entanto podemos corrigir as nossas limitações em conjunto com os outros e por meio do trabalho em nós mesmos.

O fato de sermos capazes de corrigir distorções cognitivas por meio das ciências sociais, da psicologia e de práticas de tomada de decisões prova que as distorções cognitivas não são uma necessidade da natureza. Nós somos e sempre seremos livres, e o fato de podermos nos enganar porque a nossa percepção é sempre seletiva não muda nada nisso.

A pergunta “O quê ou quem é o ser humano?” não foi respondida de maneira definitiva, pois ainda não sabemos em que consistem a nossa consciência e o nosso espírito, graças aos quais nós podemos nos observar como fenômenos naturais. Não exis-

---

7. KAHNEMAN, D. *Schnelles Denken, langsames Denken*. Munique, 2012. KAHNEMAN, D.; SIBONY, O.; SUNSTEIN, C.R. *Noise. Was unsere Entscheidungen verzerrt – und wie wir sie verbessern können*. Munique, 2021.

te apenas o ponto de vista da terceira pessoa, a perspectiva externa; existem também: nós (i. e., por exemplo, você e eu). Nós compartilhamos não só estruturas bioquímicas, como o genoma humano, mas também o fato de sermos sujeitos, ou seja, o fato de assumirmos nosso **ponto de vista da primeira pessoa (subjetividade)**. Fazem parte dele os nossos sentimentos e pensamentos, mas também a nossa perspectiva sensual e a nossa percepção da realidade. O enigma da existência humana não pode ser resolvido apenas a partir do ponto de vista da terceira pessoa. Não existe uma perspectiva externa sobre a existência humana que poderíamos assumir para, a partir daí, sondar o sentido da vida ou reconhecer que a nossa vida não tem sentido.

Até mesmo a cientista mais objetiva, digamos, uma cirurgiã que opera no coração aberto, tem sua perspectiva subjetiva sobre as ocorrências. Afinal de contas, a cirurgiã precisa ver o coração que ela opera e proceder internamente concentrada e de modo profissional, o que exige um esforço grande da parte dela. A historiadora da ciência Lorraine Daston e o historiador da ciência Peter Galison demonstraram de forma impressionante, em seu livro *Objetividade*, que a história da objetividade consiste em desenvolver um ideal comportamental do cientista que permita reconhecer os fenômenos naturais da forma mais objetiva possível<sup>8</sup>. Não existe objetividade sem uma subjetividade correspondente; a objetividade continua sendo um ideal que buscamos alcançar sem jamais alcançá-lo no todo.

O restante deste livro tratará de nada mais nada menos do que analisar a relação entre natureza e espírito por meio da interseção entre ser humano e animal. No ser humano como animal, a natureza e o espírito estendem a mão um ao outro. A autoaná-

---

8. DASTON, L.; GALISON, P. *Objektivität*. Berlin, 2017.

lise do ser humano é chamada de **antropologia**, e quando nos contemplamos como animais, falamos também de **antrozoo-  
logia**. Ao falar do ser humano como animal, me ocuparei com descobertas científicas atuais e com contribuições da filosofia da atualidade.

O ser humano é um tema transdisciplinar *par excellence*. Quem nós somos e quem queremos ser não pode ser sondado a partir da perspectiva de uma única ciência ou de um único tipo de ciência (por exemplo, as ciências naturais). E as ciências que desenvolvemos como disciplinas acadêmicas em ensino e pesquisa também não esgotam a nossa existência humana. As artes, a política, o bom-senso, a economia e o mundo de trabalho, as mídias e a nossa experiência de vida são, como atividades, também formas do autoconhecimento humano.

Diante desse pano de fundo, este livro dirige-se a partir de uma perspectiva filosófica a todos que se perguntam em que consistem a existência humana e o sentido da vida e como a nossa sociedade do conhecimento é compatível com o fato de estarmos infinitamente distantes de uma onisciência. Quer gostemos disso ou não, é essa complexa situação de crise em que a humanidade encontra-se no século XXI que comprova não só o nosso conhecimento (por exemplo, em relação à crise ecológica), mas também o nosso não conhecimento e a nossa impotência. Por isso precisamos mudar o nosso jeito de pensar e adaptar as nossas ações às circunstâncias novas deste século, o que pressupõe que aprendamos finalmente daqueles que foram e são as vítimas do controle e da destruição da natureza. Autoconhecimento humano e racionalidade podem assumir muitas formas com as quais podemos aprender, como mostrou Tyson Yunkaporta em seu notável livro *Sand talk*, em que ele recomenda o conhecimento indígena dos aborígenes (ele mesmo é membro do clã

Apalech) como modelo dinâmico de um convívio com complexidade e crises<sup>9</sup>.

A tese de que o ser humano é o tema transdisciplinar *par excellence* que diz respeito a todos nós é formulada a partir do ponto de vista das ciências do espírito que, como já diz seu nome, têm como seu sujeito e objeto o espírito. Quando falo em “espírito”, não estou me referindo a nenhum fantasma nem a algum resquício de um pensamento metafísico que parece ser antiquado e superado. **Espírito** é, no sentido geral, a capacidade de conduzir sua vida à luz de uma representação de quem ou o que uma pessoa é. O fato de sermos seres vivos espirituais é **a tese principal do neoexistencialismo**<sup>10</sup>.

O ser humano é o animal *par excellence*: o que sabemos sobre a existência animal resulta da nossa autoanálise, pois nos interessamos pelos “animais” há milênios justamente porque não sabemos com clareza qual é a relação entre ser humano e animal. Portanto, quando refletimos sobre “os animais”, refletimos também sobre nós. Graças à nossa autocompreensão como animais, somos o protótipo da existência animal. O conceito de “animal”, assim argumentarei, diz mais sobre os seres humanos do que sobre os animais, dos quais nos diferenciamos há milênios de maneira errada<sup>11</sup>.

Visto que, como animais, somos parte da natureza, nós estamos entrelaçados com o que vive, de modo que a nossa ação sem-

---

9. Cf. YUNKAPORTA, T. *Sand talk – Das Wissen der Aborigines und die Krisen der modernen Welt*. Berlim, 2021; cf. considerações semelhantes em: AKOMOLAFE, B. *These wilds beyond our fences – Letters to my daughter on humanities search for home*. Berkeley, 2017.

10. Cf. GABRIEL, M. *Eu não sou meu cérebro*. Petrópolis: Vozes, 2018. GABRIEL, M. *Neo-existentialismus*. Friburgo; Munique, 2020.

11. Passagens em itálico contêm declarações centrais ao livro.

pre precisa ser contemplada também do ponto de vista ecológico, no contexto de outros seres vivos e do nosso *habitat* compartilhado. Quem nós somos e quem nós queremos ser mostra-nos, portanto, também o que devemos fazer e o que não devemos fazer<sup>12</sup>. No autoconhecimento humano, ser e dever andam juntos.

É evidente que, nos dias de hoje, a imagem atual dos seres humanos e do mundo alcançou seus limites planetários. Hoje, todos, inclusive os ministros da economia e os grandes economistas, reconhecem que “o crescimento tem limites”, como constatou o Club of Rome já em 1972 sobre a situação da humanidade e da economia mundial, ou seja, cinquenta anos atrás<sup>13</sup>.

É preciso superar a ideia de que o progresso científico e tecnológico como impulsionador do crescimento econômico puramente quantitativo pode ser desvinculado do progresso humano e moral, pois essa ideia equivocada leva à autodestruição do ser humano. Ela é expressão de uma autorrelação perturbada que precisa ser desmascarada e superada.

Nós expressamos a nossa relação conosco mesmos, individual e coletivamente, como indivíduos e como sociedade, na forma de valorações fortes. Em cada sociedade circulam visões da

---

12. É justamente sobre esse fundamento que em: RECKWITZ, A.; ROSA, H. *Spätmoderne in der Krise – Was leistet die Gesellschaftstheorie*. Berlin, 2021, segue da antropologia do filósofo canadense Charles Taylor. Os autores deduzem uma estrutura normativa da teoria social, evitando, assim, o **sociologismo**, i.e., a tese segundo a qual a sociologia conseguiria descrever a realidade social apenas sem valores e, assim, teria descoberto que, na realidade, não existem valores objetivos, apenas postulações de sujeitos. “Esses dois fenômenos, que é preciso interpretar e que a interpretação implica valorações, eu os excluiria da historização e declararia sua universalidade: pessoas que agem são sempre e em todos os lugares seres que interpretam a si mesmos, que se orientam com a ajuda de um mapa com fortes valorações” (p. 278).

13. MEADOWS, D.; MEADOWS, D.; RANDERS, J.; BEHRENS, W.W. *et al. Die Grenzen des Wachstums – Bericht des Club of Rome zur Lage der Menschheit*. Stuttgart, 1972.

vida boa. Diante desse pano de fundo, este livro trata também do *sentido da vida*.

Já que o ser humano é um ‘animal’, mas não só um ‘animal’, o sentido da vida não se esgota no planejamento individual e na sociopolítica da nossa sobrevivência. Viver é mais do que sobreviver. Tentarei vincular o pluralismo liberal das formas de vida individuais – que considero válido também no século XXI – com a pergunta pelo sentido da vida. Ajuda-nos, aqui, a filosofia da atualidade. A filósofa norte-americana Susan Wolf sugeriu compreender o pluralismo liberal (“Que cada um seja feliz ao seu modo”) como uma busca pelo sentido *na* vida. Ele pode ser diferente para cada um. No entanto isso não exclui a possibilidade de existir um sentido *da* vida, que todos nós compartilhamos e sobre cujo fundamento ergue-se o pluralismo liberal. Nossa lei fundamental expressa isso com uma forte profissão em prol da dignidade humana, na qual vemos ainda os efeitos da tradição do Iluminismo. A reflexão sobre a nossa existência animal, sobre a vida e seu sentido, tem consequências políticas. No contexto de um Novo Iluminismo *na era do vivo*, como Corine Pelluchon expressou de modo certo, podemos entender o sentido *da* vida como a nossa missão moral<sup>14</sup>. Isso corresponde ao levante social que podemos perceber na atualidade, que está vinculado ao anseio de encontrar um novo aspecto compartilhado do ser humano para superar a complexa situação de crise em que nos encontramos. A mesma ideia de uma missão do ser humano podemos identificar, seguindo Yunkaporta, no fato de que somos “guardiões da realidade” (*custodian of reality*)<sup>15</sup>.

---

14. Este é o título original em francês (*Les Lumières à l'âge du vivant*) do livro de Corine Pelluchon recém-publicado em alemão: *Das Zeitalter des Lebendigen – Eine neue Philosophie der Aufklärung*. Wiesbaden, 2021.

15. Yunkaporta: *Sand talk*, p. 110.

Para a transformação ecológica que a humanidade é forçada a realizar neste século precisamos de uma formação normativa da mudança social e, portanto, de uma ética. Não podemos mais confiar na falsa promessa da Modernidade de que as ciências e a engenharia, em conjunto com os economistas, resolverão os problemas políticos fundamentais e, assim, pouparamo-nos de tomar as decisões normativas sobre quem somos e quem queremos ser.

A autocompreensão do ser humano tem consequências políticas. A crise da democracia observada por muitos sociólogos e cientistas políticos provém do fato de os seres humanos exigirem mais da política do que uma distribuição inteligente dos recursos. Em tempos de crise, dependemos muito daquilo que, acriticamente, chamamos de “comunicação”. Os políticos devem não só comunicar as suas decisões de forma inteligente para passar uma sensação de segurança à população; eles devem também *justificar* as suas decisões e, assim, tornar explícitas as suas valorações. As pessoas afetadas pelas enchentes catastróficas no Ahrtal (região da qual eu mesmo provenho) exigem não só que as decisões geopolíticas após a catástrofe sejam comunicadas de modo inteligente, como também exigem a busca de soluções orientadas por valores. A reconstrução da região destruída deve ocorrer à luz de modelos ecologicamente sustentáveis.

Faz parte da ciência moderna a descoberta e o reconhecimento dos limites do conhecimento científico. Sabemos que não sabemos de muitas coisas. As situações de crise em que nos encontramos consistem também no fato de que somos obrigados a conviver com complexidade, insegurança e não conhecimento. Isso exige uma ética do não conhecimento.

O pensamento fundamental que percorre todo o livro é a ideia de que, por meio da pesquisa sobre a nossa existência ani-

mal, podemos aprender a reconhecer a natureza dentro e fora de nós como algo deveras estranho, que não podemos dominar e que não devemos dominar. Jamais conseguiremos decifrar a natureza de maneira completa e subjugá-la ao nosso controle. Nós, seres humanos, dependemos de processos naturais que, em termos concretos, não conseguimos entender a ponto de estabelecer um paraíso tecnocrático na Terra. Precisamos nos despedir da esperança vã de colonizar outros planetas (como Marte) para começar de novo ou de fantasias ainda mais absurdas de conseguirmos instalar a nossa consciência como *software* em corpos de plástico indestrutíveis, como no seriado *Westworld*. A pandemia do coronavírus revelou a nossa vulnerabilidade e a complexidade social de uma forma perceptível para todos.

Complexidade e vulnerabilidade já existiam antes da pandemia, mas estavam “demoburocraticamente” (Niklas Luhmann) encobertas, isto é, nós não estávamos cientes delas porque o nosso sistema de saúde funcionava sem problemas para a maioria das pessoas. O reconhecimento de que o ser humano é um animal vulnerável, exposto a transformações ecológicas pelas quais ele também é responsável, precisa sempre ser inerente à política. Visto que não somos apenas animais, mas também seres vivos espirituais, que dispõem de percepção ética de contextos morais, a antropologia, a ética e a política estão inseparavelmente entrelaçadas no ser humano.

O Novo Iluminismo exige que apliquemos mais ciências (sobretudo as ciências humanas e sociais em pé de igualdade com as ciências naturais, comportamentais e da vida) para elaborarmos um autorretrato apropriado do ser humano. Além disso, ele exige também uma ética do não conhecimento, que se apoia no reconhecimento do fato de que não chegamos nem perto de vivermos numa era de conhecimento e domínio completos da

natureza. Os progressos impressionantes e, em parte, desejáveis, no conhecimento e na tecnologia da Modernidade não podem continuar a omitir que existe uma infinidade de coisas que não conhecemos e nunca conheceremos. Por maior que seja o nosso conhecimento da natureza, o nosso não conhecimento é ainda maior (desde que se tornou evidente que o universo observável consiste em 95% de matéria e de energia escuras, que não podemos pesquisar diretamente por meio de experimentos). A realidade transcende nossa pretensão de conhecimento. Isso não é uma mera suposição, mas algo que conhecemos. Sabemos, de fato, que existe muito que não sabemos.

Como veremos, Sócrates estava certo, embora ele não tenha dito que não sabemos nada, mas que podemos conscientizar-nos de que não sabemos de muita coisa. A sabedoria de Sócrates é uma forma de conhecimento e não um culto cético à ignorância. Como animal, o ser humano pode conscientizar-se de seu não conhecimento. Sócrates chamou isso de sabedoria. E Carl von Linné seguiu Sócrates ao determinar o gênero do ser humano como *Homo sapiens*, pois *sapiens* significa “capaz de sabedoria”, não significa “sábio”. Como ser vivo espiritual, o ser humano é um animal filosófico, capaz de transformar a si mesmo e a realidade não humana ao fazer uma imagem de si mesmo. Convido, então, o leitor a partir comigo na aventura de sondar a nossa existência humana e animal, o sentido da vida e a profundidade do nosso não conhecimento!